

COMUNHÃO

Revista Espírita Bimestral
Propriedade da

COMUNHÃO ESPÍRITA CRISTÃ DE LISBOA
www.comunhaolisboa.com

ANO 34

2016

Nº 208

MAIO - JUNHO

Não aderimos ao novo acordo ortográfico

Proriedade, Administração, Redacção, Composição e Impressão :	Índice	Página
	Editorial	2
Calçada do Tojal, 95, s/c	Palavras de Kardec	5
1500-592 Lisboa	Façam tudo o que Ele vos disser	8
Telefone : 217 647 441	Os tempos são chegados	11
	Padre Nosso (Poema)	13
*	A Triste Geração	14
Director Responsável :	Reminiscências	17
Manuela Vasconcelos	Como investigar nossas vidas	22
	Uma fórmula de Vida	28
*	A “culpa” de Deus	31
Tiragem : 150 exemplares	Tende Calma	36
Distribuição Gratuita		
*		
Registo nº.211720	*	
Depósito Legal Nº. 13972		

EDITORIAL

Maio... mês das flores, mês da Mãe, mês de sol e de comemorações! Porque terão os homens escolhido o mês de Maio para nele inserirem a homenagem às mães, nele determinando o “Dia da Mãe”? Seria na ideia de que sendo este o mês das flores, já de antemão estamos a ofertar a todas as Mães um braço de flores imenso... com todas as flores que o mês comporta? Se assim foi, concordamos!...

Mas, neste ano e neste mês, Maio tem ainda uma comemoração diferente a assinalá-lo: a recordação do 1º Congresso Espírita Nacional, realizado em 1925, por iniciativa de alguns espíritas que se juntaram para o promoverem e ao qual aderiram os restantes espíritas de todo o País, porque desde o norte até ao sul, todos os espíritas corresponderam, todos quiseram estar presentes! Deste Congresso “nasceu” a Federação Espírita Portuguesa – e embora a tenham querido calar e “matar”, com o fecho determinado pelo Governo da época, em Novembro de 1953, qual Fénix que renasce, ela ressurgiu também, após a convocatória que os espíritas de então, logo no dia 26 de Abril de 1974 subscreveram, a pedirem a reunião de todos com vista ao seu ressurgimento.

Três meses depois ela era, de novo, uma realidade, nas instalações emprestadas pelo Centro Espírita Perdão e Caridade; depois, na Associação Espírita de Lisboa, e uns meses ainda na Calçada de Carriche, nas instalações da Revista ‘Estudos Psíquicos’, de onde saiu para as suas próprias instalações, conseguidas pela carolice de meia dúzia de espíritas que o propuseram e se uniram, após a realização do 2º Congresso

Nacional de Espiritismo, realizado de 8 a 10 de Dezembro de 1994, transformando, assim, um sonho em realidade!

Das vezes que fomos acompanhando a nossa Federação, fomos tomando conhecimento das dificuldades que sempre surgem e com que todos convivem no dia a dia de cada Direcção... Apesar disso, neste mês, ela – a FEDERAÇÃO ESPÍRITA PORTUGUESA – comemora 90 anos!

Nós, espíritas portugueses, nós, Centros Espíritas que fomos surgindo por todo o país - todos nós que abraçamos este Ideal de Caridade, Fraternidade, Igualdade, estamos de parabéns! Talvez alguns pensem que nada devem à Federação; talvez outros pensem que ela não faz nada por ninguém, talvez... Mas ela representa-nos a todos, é o elo que nos une a todos - e se mais não faz, será que a culpa é dela, de quem a gere , ou nossa – os que estamos de fora, que achamos que deveria ser assim... e assado... mas só falamos pelas costas e não nos apresentamos para que, olhos nos olhos, digamos das queixas que nos motivam e das razões do isolamento que nos propusemos?

Noventa anos... Com todos os percalços surgidos no caminho, nem eles obstaram a que ela – a nossa Federação – fosse uma das instituições que assinou a criação do Conselho Espírita Internacional! Desde o primeiro momento – e antes dele – lá estivemos sempre, gritando presente!, e pugnando pelo nosso lugar ao sol – que se mantém até hoje! E em cada reunião que acontece, e com todos os outros que foram sendo agregados ao mesmo Conselho, nós mantemo-nos firmes, no nosso posto de espíritas portugueses – porque a Federação existe e está presente!

O que ela será no futuro, se por um lado dependerá de quem estiver ao leme orientando a sua rota, por outro lado

dependerá de todos nós – pois, quanto mais unidos, melhor a defenderemos e ergueremos mais alto a sua bandeira! Ela será sempre o que cada um dela fizer... mas neste momento, lembramos as palavras de um pioneiro – o Dr. António Joaquim Freire – quando escreveu:

“Os espíritas da moderna geração não podem avaliar devidamente a coragem, o desassombro, a dedicação dos antigos pioneiros do Espiritismo em Portugal, para enfrentar e vencer o ridículo, o sarcasmo, as prevenções de uma sociedade fanatizada por incongruentes dogmas religiosos ou eivada de preconceitos agnósticos.

“Os propagandistas, vindo das profissões liberais, foram os que mais sofreram na propaganda do Espiritismo, quer na sua dignidade, quer nos seus legítimos interesses profissionais. As novas gerações entram, agora, no Espiritismo, através de arcos de triunfo e de pórticos dourados, enquanto que os antigos pioneiros tinham de passar, na sua propaganda, pelas forças caudinas, forjadas de humilhações, de angústias, e de prejuízos de toda a ordem.

“Honra e glória aos velhos e destemidos pioneiros do Espiritismo, que souberam sacrificar-se pelo nosso nobre Ideal, suportando as afrontas e os vexames.” – (Evolução do Espiritismo, ed. FEP, 1952).

Nestes noventa anos, gerações se sucederam; por vezes, olhamos para trás e comparamos – mediante um ou outro caso que chega ao nosso conhecimento – a doação dos pioneiros de então com aqueles que hoje, em vez de servirem o Espiritismo, dele se servem para se salientarem e serem conhecidos... Mas dia virá, esperamos, em que todos, numa fé una e sincera, se darão as mãos na defesa da Doutrina do Consolador que todos nós – quase todos

nós – pugnamos para que se mantenha pura e bela, tal como Allan Kardec a transmitiu aos homens na sua tarefa de Codificador.

Parabéns Federação Espírita Portuguesa! Parabéns Espíritas de Portugal!

A DIRECÇÃO

*

PALAVRAS DE KARDEC

CARACTERES DA REVELAÇÃO ESPÍRITA

(Continuação)

62 – Uma comparação vulgar ilustrará ainda melhor a compreensão do assunto.

Um navio carregado de emigrantes parte para um país longínquo; conduz homens de todas as condições, parentes e amigos dos que ficam. Vem-se a saber que tal navio naufragou; nenhum traço ficou, nenhuma notícia sobre a sua sorte é distribuída; conclui-se que todos os viajantes pereceram e o luto se estende a todas as famílias. Entretanto, a equipagem toda, sem excepção de um homem sequer, aportou a uma terra desconhecida, abundante e fértil, onde todos vivem felizes sob um céu clemente; porém, isto é ignorado pelos que ficaram. Eis que, certo dia, outro navio aborda a mesma terra; ali encontra todos os supostos naufragos, são e salvos. A feliz notícia propaga-se com a rapidez do relâmpago; cada um diz: "Nossos amigos não estão perdidos" e

eles rendem graças a Deus. Não podem ver-se, mas correspondem-se; trocam provas de affecto, e eis que a alegria succede à tristeza.

Tal é a imagem da vida terrestre e da vida de além-túmulo, antes e depois da revelação moderna; esta, tal como o segundo navio, traz-nos a boa nova da sobrevivência dos que nos são caros, e a certeza de nos reunirmos um dia; a dúvida, quanto a seu destino e quanto ao nosso, não existe mais; o desencorajamento desfaz-se ante a esperança.

Entretanto, outros resultados têm fecundar esta revelação. Deus permitiu que se erguesse o véu que separava o mundo visível do invisível, considerando que a humanidade está amadurecida para penetrar no mistério de seu destino e para contemplar a sangue frio novas maravilhas. O facto das manifestações não tem nada de extra-humano; **é a humanidade espiritual que vem conversar com a humanidade corporal**, e dizer-lhe:

“Nós existimos, logo, o nada não existe; eis o que somos e o que sereis; o futuro vos pertence assim como a nós. Vosso caminho estava nas trevas e vamos clareá-lo e abrir-vos as vistas; não tínheis direcção, indo ao acaso, e nós apontamos-vos o objectivo. A vida terrestre era tudo para vós, porque nada era por vós percebido, do lado de lá; nós viemos informar-vos, mostrando-vos a vida espiritual; a vida terrestre nada é. Vossa visão pairava no túmulo, nós vos mostramos, além dele, um horizonte esplêndido. Ignoráveis porque sofríeis sobre a terra; agora, no sofrimento, enxergais a justiça de Deus; o bem parecia não produzir frutos, e de agora em diante terá um objectivo e será uma necessidade; a fraternidade não era senão uma bela teoria, e agora assenta-se sobre uma lei da Natureza. Sob o império da crença de que tudo acaba com a morte, a imensidade é vazia, o egoísmo reina entre vós como senhor, e vossa palavra de ordem é: “Cada

um por si”. Com a certeza do futuro, os espaços povoam-se ao infinito, o vácuo e a solidão não existem em parte alguma, a solidariedade liga todos os seres, de um lado e do outro do túmulo; é o reino da caridade com a divisa: ‘Um por todos e todos por um’. Enfim, alcançado o termo da vida, dizíeis um eterno adeus aos que vos são caros, enquanto que agora lhes direis: ‘Até à vista’.”

Tais são, em resumo, os resultados da nova revelação; ela veio preencher o vácuo aberto pela incredulidade, reerguer os ânimos abatidos pela dúvida ou pela perspectiva do aniquilamento e dar a todas as coisas a sua razão de ser. Será este um resultado sem importância, porque os Espíritos não vêm resolver os problemas da ciência, dar saber aos ignorantes, e, aos preguiçosos, o meio de enriquecer sem esforço? Entretanto, nem só para a vida futura serão os frutos que o homem deve retirar daí; ele os fruirá na Terra, pela transformação que estas novas crenças necessariamente operarão sobre o seu carácter, seu gostos, suas tendências e, por consequência, sobre os seus hábitos e relações sociais. Pondo um fim ao reinado do egoísmo, do orgulho e da incredulidade, elas preparam o reinado do bem, que é o reino de Deus, anunciado pelo Cristo.

ALLAN KARDEC

(In: A GÊNESE, ed. Lake. Com esta transcrição terminamos o capítulo I, que temos estado a transcrever).

*

«FAÇAM TUDO O QUE ELE LHESS DISSER»

Quando, há vários (muitos) anos atrás, nos começámos a debruçar sobre o Evangelho e buscámos, em Maria, o conforto espiritual de que necessitávamos – ainda que sem o sabermos – de toda a sua atitude, nas bodas de Canaã, de todas as suas palavras, cedo nos ficaram aquelas que referiam a obediência ao Filho, mediante a ajuda que, naquele momento, nele procurava. Mas... seria só isso?

Quanto, mais e mais o significado das palavras proferidas nos tocava, maior parecia sempre a necessidade de melhor as analisarmos para melhor, também, lhe apreendermos o verdadeiro significado.

Os estudiosos marianos, todos eles afirmam que, à época, Maria não sabia da Missão de Jesus, não lhe podendo, portanto, pedir qualquer ajuda – mas o facto estava sempre ali, naquela atitude da Mãe que busca no Filho algo de especial... Na nossa ignorância, víamos aquele gesto como um pedido de que saísse e fosse, com os amigos, à tenda mais próxima, adquirir os odres de vinho necessários para que o banquete continuasse e os convidados não começassem a murmurar quando percebessem que as bebidas tinham acabado. Mas... se Maria e Jesus eram pobres, como podia o Filho ir comprar a quantidade de bebida necessária para satisfazer os convidados, se tantos litros de bebida, mesmo naquela época, deveriam significar uma pequena fortuna para quem nada tinha?

Todos nós somos médiuns... e embora nada lêssemos e nada encontrássemos da mediunidade de Maria, algo tinha acontecido, com certeza, que tocasse o seu Amor de Mãe, ou o seu sentido de Amizade para com quem os tinha convidado, e a impulsionasse, naquele instante, a agir como agiu. E quando Ela procura o Filho, são poucas as palavras, mas grandes no seu significado:

- O vinho acabou – como se dissesse: eles precisam de Ti e eu também; não nos deixes ficar mal!

- E EU com isso? – (E depois? Que é que eu posso fazer?)...

- O vinho acabou... - (Ajuda-os, já! Não vês que isto, para eles, é um drama? É preciso satisfazer os convidados sem que se crie um escândalo!)

Interpretando o pensamento da Mãe, o Filho (o Missionário) responde:

- Mulher, ainda não chegou a minha hora! – (Ainda não é o tempo, o Pai ainda não me assinalou o tempo e o caminho!)

Mulher... o apodo carinhoso com que ele tratava a Mãe, embora para os outros fosse só a mesma palavra que cada um usava com as mulheres das suas casas! Mulher... Tu, que eu amo, que eu escolhi para seres minha Mãe, que queres que eu faça?!...

E vão os servos a passar e Maria chama-os... como se ao longo dos tempos, dos séculos, fossemos nós todos – a Humanidade – a passar, perto dos Seus ensinamentos mas sem lhes apreendermos o sentido, sem nos debruçarmos ou

impulsionarmos a segui-los, como se o Amanhã estivesse ainda distante e não fosse já no segundo imediato! Maria chama os servos, e dá-lhes a indicação precisa para que eles obedeçam:

- Façam tudo o que Ele lhes disser!

Fala a Mãe que acabou de ouvir o Filho dizer que o Seu tempo ainda não tinha chegado? Fala a convidada que não quer que quem os convidou seja apontado com menos dignidade? ... ou fala a médium, que transmite a “ordem” que chega do Alto, mas que não é só para aquele instante, não é só para “aqueles” servos, mas para todos os indivíduos que eles representam, ali naquele instante, no mesmo atendimento às palavras do que veio para nos salvar a todos?!

E Ele pede água... E essa água será também uma água simples, que nada mais significa do que a própria palavra que a classifica... ou estará a pedir (indicar) aquela outra Água – a Água da Vida – que significa a pureza que cada um terá de conseguir para se apresentar perante o Pai? A água da Vida!...

E o Filho faz a vontade à Mãe e a sua Missão, de que não era chegada ainda a hora, começa naquele instante, num acto extraordinário de Amor do Filho para com a Mãe – e da confiança manifesta da Mãe para com o Filho – que ela sabe que a ama e ama a todas as criaturas!

Foi há mais de dois mil anos!... Será que cada um de nós está fazendo “tudo aquilo que Ele nos disse”?

MANUELA

OS TEMPOS SÃO CHEGADOS!...

Amigos de outrora! Que a paz de Jesus possa envolver-nos a todos, nesta noite tão proveitosa!

“Honrai vosso pai e vossa mãe”; *“quando estiverdes aflitos e afadigados, venham a Mim”*, disse Jesus. Essas são duas pérolas valorosas do Seu Evangelho sobre as quais devemos meditar: a família é a célula mais importante tanto para nós, desencarnados, quanto encarnados, oferecidas pelo nosso Pai amantíssimo. Nela acertamos as arestas e fortalecemos os laços de afectos e desafectos do passado.

Quando os nossos *“anjos celestiais”*, sob a custódia da misericórdia Divina, projectam nossa reencarnação, planejam a nossa vinda com muito esmero e antecipação, aproximando aqueles que deverão fazer parte desse clã. Portanto, nada é feito sem o amparo Divino... E não por acaso, aceitamos as condições oferecidas para o nosso crescimento, juntamente com estes que foram fazer parte da família.

À primeira dificuldade vivenciada, deparamos com os obstáculos, que são as pedras colocadas por nós mesmos em tempos passados e desistimos de superá-las, de retirá-las do caminho, guiados e comandados que somos pelo nosso orgulho, pela nossa intolerância. Jesus disse que não teríamos felicidade aqui na Terra porque, como sabemos, trata-se de um Planeta de provas e expiações. Tal como a tempestade, cujas águas passam arrastando e destruindo tudo que encontra pela frente, também passamos destruindo, ferindo, magoando, deixando marcas profundas naqueles que deveríamos receber no nosso regaço doméstico.

Jesus nos mostrou que as dificuldades existiriam para que aprendêssemos a valorizar aquilo que negligenciávamos outrora.

A Doutrina Espírita é a bússola que norteia o nosso caminho, visto que as lições ali encontradas guiam-nos pelos caminhos que nos levarão aos altiplanos celestes.

Tenhamos paciência e tolerância, pois a cada dia Jesus nos proporciona um novo despertar, com uma nova oportunidade de recomeço e, portanto, de acerto. Ele disse que “nenhuma das suas ovelhas se perderá”. Mas, porque deixar para Amanhã, se já podemos iniciar agora, ou melhor dizendo, já devíamos ter iniciado há milênios, mimetizados pelos exemplos que Jesus nos deixou? Disse Ele: “Cada um dará conta da sua administração”! E perguntarão: O que fizeste daquele que te confiei? Pensemos nisso... Acordemos para o que é real e mais valioso nas nossas vidas: nosso crescimento espiritual. Já não é mais tempo de nos desviarmos dos caminhos; já não há mais tempo a perder... Tudo o que se encontra às margens do nosso caminho aqui na Terra, aqui ficará. Tenhamos atenção para o que realmente é importante e valioso para nós.

Despeço-me em nome de Jesus e peço a Ele que nos abençoe a todos.

UM AMIGO QUE MUITO OS AMA

(Mensagem psicografada no Centro Espírita Seara da Esperança, em Muriaé, M. Gerais, em Novembro de 2015, e gentilmente cedida por Rogério Coelho, da mesma localidade).

PADRE NOSSO

(Oração ao Sol)

Ó belo sol, Padre Nosso,
Que estás no Céu e na Terra:
Bendito seja o Teu nome
Nas vidas que a Vida encerra.

Venha a nós Teu claro reino,
Faça-se a Tua vontade:
- Meu corpo seja um jardim;
Minh'alma um sol de bondade.

O pão nosso de cada dia,
E pão da noite também:
- Pois a noite, Tua filha,
Igualmente é nossa mãe.

Perdoa-nos nossas dividas
De beleza e de esplendor:
- Todas as vidas se devem
Entre si, a Luz e o Amor.

Ó belo sol, Padre Nosso,
Nosso exemplo, nosso irmão:
Sê em luz, pureza e glória,
Nossa eterna tentação.

ANTÓNIO CORREIA DE OLIVEIRA

A TRISTE GERAÇÃO QUE VIROU ESCRAVA

E a triste juventude vai-se escoando entre os dedos.

Era uma vez uma geração que se achava muito livre. Tinha pena dos avós, que casaram cedo e nunca viajaram para a Europa. Tinha pena dos pais, que tiveram que camelar em empreguinhos ingratos e suar muitas camisas, para pagar o aluguer, a escola e as viagens em família para pousadas no interior. Tinha pena de todos os que não falavam inglês fluentemente.

Era uma vez uma geração que crescia quase bilingue... Depois, vinham noções de francês, italiano, espanhol, alemão, mandarim. Frequentou as melhores escolas. Entrou nas melhores faculdades. Passou no processo selectivo dos melhores estágios.

Foram efectivados. Ficaram orgulhosos, com razão. E veio após, a especialização, mestrado, MBA. Os diplomas foram subindo, pelas paredes.

Era uma vez uma geração que, aos 20, ganhava o que não precisava. Aos 25, ganhava o que os pais ganhariam aos 45. Aos 30, ganhava o que os pais ganharam na vida toda. Aos 35 ganhava o que os pais nunca sonharam ganhar.

Ninguém os podia deter. A experiência crescia diariamente, a carreira era meteórica, a conta bancária estava cada dia mais bonita.

O problema era que o auge estava cada vez mais longe. A meta estava cada vez mais distante. Algo como o burro, que persegue a cenoura, ou o cão que corre atrás do próprio rabo.

O problema era uma nebulosa na qual já não se podia distinguir o que era meta, o que era sonho, o que era gana, o que era ambição, o que era ganância, o que era necessário... e o que era vício. O dinheiro que estava na conta, dava para muitas viagens. Dava para visitar aquele amigo querido, que estava em Barcelona. Dava para realizar o sonho de conhecer a Tailândia. Dava para voar bem alto.

Mas, sabe como é, né? Prioridades. Acabavam sempre ficando ao invés de sempre .

Essa geração tentava convencer-se de que podia comprar saúde em caixinhas. Chegava a acreditar que uma hora de corrida podia mesmo compensar todo o dano que fazia diariamente ao próprio corpo.

Aos 20, ibuprofeno; aos 25, omeprazol; aos 30, rivotril; aos 35, stent.

Uma estranha geração que tomava café para ficar acordada e comprimidos para dormir.

Oscilava entre o sim e o não. Você dá conta? Sim. Cumpre o prazo? Sim. Chega mais cedo? Sim. Sai mais tarde? Sim. Quer destacar-se na equipa? Sim.

Mas, para a vida, costumava ser não: aos 20, eles não conseguiram estudar para as provas da faculdade, porque o estágio demandava muito. Aos 25, eles não foram morar fora porque havia

uma perspectiva muito boa de promoção na empresa. Aos 30, eles não foram ao aniversário de um velho amigo, porque ficaram até às 2 da manhã no escritório. Aos 35, eles não viram o filho andar pela primeira vez. Quando chegavam, ele já tinha dormido; quando saíam, ele não tinha acordado.

Às vezes choravam no carro e, descuidadamente, começavam a se perguntar se a vida dos pais e dos avós tinha sido mesmo tão ruim como parecia. Por um instante, chegavam a pensar que talvez uma casinha pequena, um carro popular dividido entre o casal, e férias em um hotel-fazenda pudessem fazer algum sentido. Mas não dava mais tempo. Já eram escravos do câmbio automático, do vinho francês, dos resorts, das imagens, das expectativas da empresa, dos olhares curiosos dos ‘amigos’...

Era uma vez uma geração que se achava muito livre. Afinal, tinha conhecimento, tinha poder, tinha os melhores cargos, tinha dinheiro!

Só não tinha controle do próprio tempo... Só não via que os dias estavam passando... Só não percebia que a juventude estava escoando entre os dedos e que os bônus do final do ano não comprariam os anos de volta.

MIA COUTO

Este artigo, de Mia Couto, escritor angolano, foi-nos enviado por um nosso correspondente, via internet, e resolvemos transcrevê-lo na nossa Revista, devido à sua oportunidade, face à maneira como - real e infelizmente - vive actualmente muita das gerações que continuaram a nossa... como se o mais importante fosse, unicamente, a conquista de uma boa posição e de grandes bens materiais.

A crise – a crise de que todos se continuam a queixar e não querem reconhecer como mais moral que material – surgiu como consequência de muitas atitudes idênticas àquela que o escritor aponta... E nós perguntamo-nos “Até quando?”

Quando perceberá o homem que a sua estadia na Terra é apenas um momento, uma passagem mais ou menos breve... e que os únicos bens que cada um se deve preocupar em acumular serão aqueles que rendam juro no mundo espiritual? Quando? Quando?...

M. V.

*

“Quando vires alguém com os pés sujos de lama, não acuses o descuidado, pois que ele acaba de sair do pântano. Preocupa-te com os que têm os pés limpos, correndo o perigo de adentrarem nele e enfrentarem dificuldades para sair. JOANA DE ÂNGELIS. -

*

REMINISCÊNCIAS

A mediunidade proporcionou-me, na Terra, as mais puras alegrias.

Fez-me descortinar os horizontes infinitos do além-túmulo, auxiliando-me a transpor os penetrais da Imortalidade.

Actuando sob a direcção dos Bons Espíritos, todas as fadigas da vida física e todas as aflições da existência moral passavam-me atenuadas, graças ao incomparável conforto que defluía dos comunicados e mensagens que me chegavam, de continuo, à razão através do veículo da mediunidade.

Por esta ponte psíquica maravilhosa transitavam aqueles que viveram a musa das belas letras, mas, também, os que se santificaram pela vivência do amor, os que professaram o conhecimento e exerceram a filosofia, trazendo-me suas luzes, de forma a clarear a noite que se vivia então, a respeito da vida espiritual.

Não me abstive de tratar com a população em sofrimento, deste mundo de realidades, que entorpeceram os sentimentos de elevação e corromperam as aspirações, intoxicando-se com os vapores venenosos das paixões inferiores, com que naufragaram.

Contactei com as alegrias extra-físicas que abençoam os justos e tomei conhecimento das dores superlativas que enlouquecem os iníquos.

Ao largo dos anos, renovavam-me os ideais e aspirações, sobrepondo a confiança em Deus às lutas e incompreensões de que me tornei objecto sob o açodar das intrigas de adversários ignorados e de pessoas infelizes, que se faziam instrumento de inimigos desencarnados que me dirigiam os seus espículos e gravâmes, com o objectivo de desanimar-me a tarefa de demonstrar e fruir a imortalidade da alma.

Quanta irrisão, cegueira e obstinação inúteis que o homem acalenta no mundo e de que se não descarta no túmulo!

A morte, desvestindo a criatura do seu envoltório carnal, não o despe da sua realidade interior, que o toma, sobrepondo-se às antigas aparências e desvelando cada qual, que já não se engana a respeito de si mesmo, não obstante possa aos humanos ainda ludibriar...

Mediante o correcto exercício das faculdades medianímicas, adquiri amigos valiosos, num como no outro lado da cortina carnal, surpreendendo-me ao constatar, quando eu próprio vadeei o Estiges, na barca de Caronte, que muitos deles me aguardavam, joviais uns e ansiosos outros, para dar-me a notícia da vitória da vida sobre a morte e trazer-me as suas efusivas saudações.

Pude avaliar, na sua plenitude, a qualidade do salário que recebem os trabalhadores sensatos e fiéis, após concluído o labor com honra.

Naquele momento de efusão emocional, de encontros e reencontros, pude avaliar o próprio comportamento e lamentar os momentos de humanos desaires, de amarguras, quanto às horas perdidas no báratro dos compromissos de pequena monta, em detrimento dos extraordinários deveres do Espírito.

Como o arrependimento merece, apenas, a consideração que propicia a reactivação dos valores morais com vistas à rectificação de quaisquer erros, passei a utilizar-me do ensejo para crescer, refazendo o caminho onde ficaram os equívocos e aprimorando as actividades que deveriam ser aperfeiçoadas.

Não se encerrou, para minha agradável surpresa, com a disjunção cadavérica, o ministério mediúnico. Desdobrava-se-me o labor, agora noutra dimensão, sempre no rumo da perfeição espiritual, todavia, em compromissos relevantes, como prosseguimento do trabalho realizado no plano físico.

Como se multiplicam as Esferas Espirituais de evolução, próximas e distantes do Orbe terrestre, ampliam-se os afãs fora do círculo material, em intercâmbios contínuos, mediante os quais as diversas dimensões da vida, em vibrações próprias, desvelam-se com os seus habitantes felizes, auxiliando os viventes, nas faixas mais densas, mais primitivas.

Nunca cessando a vida, cada vez mais esta se aprimora e diafaniza, aparecendo e ressurgindo em modalidades e impressões, em estados de energia e emoções, por enquanto inabordáveis para a compreensão humana.

Neste ininterrupto crescer e progredir, a ânsia de felicidade se transmuda em plenitude de gozo, em que o amor e a paz assumem proporções não imaginadas.

Quando se dilatam, entre os homens, as experiências e actividades psíquicas consciente e responsabilmente – já que as mesmas ocorrem em variada gama, e de que somente poucos tomam conhecimento – depurar-se-à a vida planetária no influxo das aspirações altas e dignificadoras; apressar-se-à o progresso, por libertar os enjaulados nas algemas fortes do egoísmo, da luxúria e da ambição; e fomentar-se-ão a fraternidade e o conhecimento superior, com os quais a vida se tornará mais digna de ser suportada por todos.

Compreendendo a significação grandiloquente de uma vida psíquica consentânea com os padrões cristãos e o exercício da mediunidade sob as directrizes espíritas, os sensitivos, que são quase a Humanidade toda, unir-se-ão para precipitar o advento do ‘reino de Deus’, a que se referiu o incomparável galileu.

A mediunidade é porta que se abre na direcção das incógnitas do actual conhecimento, projectando estrada no *mundo de sombras* e deixando ver-se a grande luz que fulgura, atraente, no fim do percurso a vencer.

A ela agradeço as venturas que fruí na Terra e as alegrias que experimento no além-túmulo, exercendo-a, em Espírito, na busca do mediumato com que o futuro me acena.

FERNANDO DE LACERDA

(Página psicografada pelo médium Divaldo P. Franco em 21/9/1980, em Lisboa, Portugal, e publicada na Revista Espírita Brasileira “Reformador”, de Julho de 1981, de onde a transcrevemos com a devida vénia).

*

COMO INVESTIGAR NOSSAS VIDAS ANTERIORES

O MÉTODO LANCELIN

.....
Para fazer estas investigações, não é necessário protecção em torno de nós próprios, nem mergulharmos num sono tão profundo, como para outra experiência. A única condição essencial é estabelecer a ligação, o melhor possível, entre o passivo e a pessoa cujo passado vai ser objecto das investigações. Se esta pessoa for o magnetizador do passivo, tanto melhor e o inquérito será, por isso, facilitado.

Para chegar a apurar, o mais possível, a verdade, é preciso ter um certo número de passivos, pelo menos cinco ou seis, pois, quanto maior for o número utilizado, melhores serão, também, os resultados.

Visto isto estar compreendido, vou referir-me ao *modus agendi*. Convoca-se um passivo – um só – ficando os outros em casa, ou, pelo menos, o mais afastados possível. Adormece-se o passivo, magneticamente, devendo evitar-se os métodos hipnóticos que produzem o sono, em virtude dum choque nervoso que, por um lado, diminui as forças nervosas e mentais do passivo e, por outro, atrofia a confiança que ele deve depositar no operador.

Uma vez colocado em hipnose, o passivo deverá receber duas sugestões essenciais: - a primeira, de nunca buscar as suas respostas no nosso cérebro ou no de algum dos assistentes; a segunda, de só enunciar, no que vos disser, o que, para ele, representa uma certeza, ou, no caso dele julgar dever enunciar uma

probabilidade, advertir-vos disso, prevenindo-vos do grau de crédito que é preciso dar às suas palavras. Estas duas sugestões são, absolutamente, indispensáveis, antes de ir mais além.

Quando a ligação estiver bem estabelecida, pelo contacto ou à distância, pede-se ao passivo que vos conte a vossa própria vida actual, desde o princípio, rectificando, se houver razão para isso. Se ele se desvia, leva-se outra vez àquilo que se lhe pediu que visse.

Esta narração preambular tem um duplo fim: primeiro, o passivo é forçado a ligar-se à vossa intimidade, acabando por vos conhecer melhor que no estado de vigília; chega, mesmo, a não ver mais ninguém, além de vós, o que facilitará, por conseguinte, as suas investigações acerca das vossas anterioridades; além disso, se o relato que vos fizer não tiver erros possíveis, por ter ido buscar as respostas ao vosso cérebro, então, será indício de que a sugestão precedente foi mal feita, convindo, portanto, reiterá-la.

Quando, enfim, o relato do passivo atingir a época do vosso nascimento, ordenai-lhe que procure a vossa vida anterior no passado e que vo-la conte. Quando terminar, interrompei a sessão e despertai o passivo, sem lhe repetir nada do que vos disse, mas fazendo-lhe acreditar que se deve ter enganado, por nenhuma das suas palavras corresponder à verdade, deixando-o, pois, ficar em dúvida – dúvida que levará consigo, quando o puserdes, novamente, em hipnose, o que o incitará a procurar a verdade com maior energia.

Nesta altura, é preciso trabalhar e modificar a nossa própria mentalidade, a fim de a adaptar às contingências. Quer dizer, se adormecerdes o novo passivo, conservando no vosso cérebro o relato que o primeiro passivo vos fez da vossa vida anterior, há

muitas probabilidades, muitíssimas mesmo, para que a importância que, a vosso pesar, atribuíis a este relato, influía, sem dúvida, no cérebro do segundo passivo. Chama-se a isto *sugestão mental*, fenómeno tanto mais de recear quanto é certo ele produzir-se, ao mesmo tempo, sem conhecimento do agente e do paciente e que se encontra, a todo o instante, nas experiências de psicologia.

É muito difícil destruir uma primeira impressão; importa, pois, não ir mais além, se se não conseguir abandonar esta impressão. Para o conseguir, convencei-vos de que o passivo está longe de ser infalível, de que muitas vezes tem sido apanhado em falta, de que o que vos contou poder provir de qualquer leitura dele, de uma lembrança subliminal, que sei eu?, e de que em suma, a ordem de investigações em que o utilizais apresenta soberanas dificuldades, no meio dos quais há todas as possibilidades imagináveis de se ser enganado; que o passivo poderia, muito bem, ter tomado a vossa vida anterior pela vida de uma pessoa que tivesse desempenhado na vossa um papel preponderante e vos transmitisse o relato, como se se tratasse de vós próprios, etc.. É preciso, numa palavra, que a vossa confiança no seu relato se firme no vosso íntimo – não numa certeza de erro, que influenciaria, em sentido contrário, o novo passivo, certeza que, por outro lado, vos seria quase impossível atingir – pelo menos numa dúvida absoluta.

Somente, quando tenhais chegado a este ponto, podereis operar com o segundo passivo. Procedereis com ele da mesma maneira que com o primeiro, dando-lhes as mesmas sugestões, fazendo-o contar a vossa existência anterior.

Se ele vos fizer o mesmo relato que o passivo antecedente, não o acrediteis, ainda, e convencei-vos de que, a vosso pesar, a sugestão mental pôde exercer-se e que ele encontrou no vosso

cérebro a recordação do que o outro passivo relatou. Em tudo isto, a crença nas afirmações de um passivo, por mais nítidas, francas e categóricas que sejam, deve ser dominada pela mais absoluta prudência.

Procedereis, em seguida, da mesma forma, com todos os outros passivos. Se houver algum que vos conte a vossa vida anterior de uma maneira diferente, ou situando-a noutra data, tanto melhor para vós. Isso suscitar-vos-à dúvidas sobre o conjunto dos testemunhos, dúvidas que, em vós, nada terão de artificial e serão, por conseguinte, obstáculos inteiramente naturais à produção de sugestões mentais.

Quando todos os passivos de que dispuserdes vos tiverem contado a vossa primeira vida passada, tratareis de fazer recortes nos seus testemunhos, competindo-vos ver se, nos seus relatos, poderão concordar as diferenças existentes. Caso contrário, será necessário pô-los, simultaneamente, em hipnose e discutir com eles, até que obtenhais uma solução satisfatória. Com muito mais razão se, entre eles, o desacordo for completo. Por exemplo, se um colocar no tempo de Luiz XIII o que outro coloca no sexto século, se um situar esta vida em Espanha e outro em Inglaterra ou se houver divergência, quanto aos acontecimentos desta vida, convém, então, discutir com eles, evitando contradizê-los, cara a cara, mas observando-lhes e fazendo-lhes notar as diversas contingências, tanto de um lado como do outro, de forma que se possa ver em que pode consistir o desacordo. Se não der resultado uma primeira sessão colectiva, não temais repeti-la uma vez, duas vezes... As ideias sublimes deles podem modificar-se nesse intervalo, o qual, ao mesmo tempo que vos dá ensejo de reflectir, vos pode, também, fazer encontrar o melhor meio de conduzir a discussão.

Em todos os casos, é preciso nunca reunir mais do que dois passivos ao mesmo tempo, porque, agindo deste modo, chegar-se-à ao fim mais depressa do que pondo-os todos em hipnose simultânea. Isto pode parecer um paradoxo, mas, para compreender a utilidade do conselho, basta saber que, em geral, os passivos em hipnose reagem, mutuamente, e uma sessão onde três passivos estivessem reunidos, teria grande probabilidade de não produzir qualquer resultado.

Quando as divergências são conciliadas ou eliminadas e que o *processus* da primeira vida anterior está, suficientemente feito, pode passar-se à exploração do que a precede, no tempo, o que será feito de maneira absolutamente idêntica. Contudo, é bom tomar a seguinte precaução: entre todas as testemunhas que evocaram as primeiras vidas, há uma que deu relatos mais ou menos fantasistas. A série deve começar por aquela que pareça ter cometido os erros mais grosseiros, de tal forma que a dúvida da sua afirmação preceda, no vosso espírito, a própria afirmação, evitando assim que se opere a sugestão mental entre vós e o passivo seguinte. Por consequência, deveis reservar para o fim desta segunda série os passivos que mais clarividentes se mostraram no curso da primeira.

Pode-se, assim, remontar de vida em vida; mas, quanto mais nos afastarmos, no passado, mais aumenta a dificuldade, chegando um momento em que ela é insuperável – os melhores passivos já não vêm – fazendo todos *olla podrida* dos séculos que lhes mandaram franquear, em que se torna impossível estabelecer vistas de conjunto.

Vê-se que esta experiência é suficientemente longa, meticulosa, e, portanto, difícil de conduzir ao seu fim. Mas é

possível e, nas investigações científicas, o impossível só pode embaraçar o homem que *quer* saber...

Mas quando *todos os passivos* tiverem contado as vossas vidas anteriores, como lhes foram apresentadas no recuo dos tempos, e tão longe, no passado, como a distância a que os pudestes conduzir; quando, enfim, os recortes sucessivos das suas afirmações vos tiverem levado a aproveitar metade – se assim me posso exprimir – que vos pareça mais de acordo com a realidade possível, ainda estareis só a meio do trabalho de reconstituição e a fase que resta percorrer será, pelo menos, tão dificultosa como a primeira. Ser-vos-à necessário verificar tudo o que vos tenham dito, de forma que adquirais uma certeza bem assente e esta verificação é, muito frequentemente, semelhante a um trabalho de beneditino. Se os factos a controlar se relacionarem, de qualquer maneira, com a época actual, ou com as que a precederam imediatamente, será preciso investigar e provocar os testemunhos dos contemporâneos. Se remontarem muito longe no passado, tereis que folhear os historiadores, os analistas e as memórias do tempo. Proceder de outro modo e apoiarmo-nos na simples afirmação dos passivos, sem o indispensável controlo, seria construir um edifício sem alicerces.

CHARLES LANCELIN

(In: ‘Introduction à quelques points de l’Occultisme Experimental’, ed. Rhéa, pág. 67 e seguintes, com tradução de Izidoro Duarte Santos, para publicação no ‘Mensageiro Espírita’, Revista da Federação Espírita Portuguesa, em 1938).

*

UMA FÓRMULA DE VIDA

Uma fórmula para a vida? Mais Amor. Maior perdão. Mais vezes caridade – resultado igual a ‘menos ímpios’.

Esta fórmula não é nova; já é conhecida há muitas décadas, mas o conhecimento não é igual à sabedoria de o tornar prático.

Os homens do conhecimento têm que ter tempo para chegar a sábios. Sabem as fórmulas mas, por vezes, falta a humildade para descerem do pedestal até ao lado dos simples, para serem como é o terreno.

O rei só sabe falar da batalha se estiver no campo de batalha; agora, ouvir dizer, cada um diz à sua maneira... Ver para crer - já disse S. Tomé.

Feliz o homem que não precisa de ver.

Crer... orar... esperar... Mudar a maneira de pensar, demora: ora pensam, ora falam, ora se transforma em realidade...

Aprender a dominar a mente, varrer a mente, ´wé um trabalho árduo, a todo o instante atento.

O bem e o mal andam lado a lado... Tu mesmo és o bem e o mal – é só escolheres o caminho. O mal leva-te a um beco sem saída; o bem leva-te longe, longe, longe... parece não ter fim. É mais e mais... Tu escolhes hoje o teu dia de amanhã; na tua consciência está a escolha: a escuridão ou a luz.

Na primeira fase do espírito, o teu corpo é muito parecido com o teu corpo na Terra. Depois, queres mais amor, mais luz, mais perdão, mais leveza...

Houve espíritos que passaram pela Terra que nem precisaram de perdoar porque ninguém os ofendeu. Grande amor! Grande tolerância! Tudo deram: as palavras, as vestes, as sandálias – tudo o que tinham! Nada pediam, tudo davam...

Andar nestes caminhos quer muita sabedoria; saber ouvir, saber ajudar, saber ensinar!

As vossas palavras, o vosso comportamento são grande ensinamento... Manter a calma. Manter a educação. Cada um visto e tratado como irmão, é difícil, muito difícil!

Desprendimento total... Tu estás a ver tudo mas não dizes nada, só palavras de amor, só gestos de amor... Dividir o pão e o vinho: todos têm de ser alimentados. O mundo é dos homens, as fronteiras foram feitas pelos homens...

A água é para todos. O alimento é para todos... O mesmo sol, o mesmo céu, a mesma oração... Diferentes religiões.

As crianças precisam de escolas; homens trazem histórias, homens aprendem dialogando, trocando opiniões, uns mais evoluídos ensinam os mais atrasados. Ensinando, aprendem, cada qual com o seu conhecimento – todos criação de Deus!

Como é grande o amor de Deus, como é fácil entrar nessa energia!... Abrir o coração e entrar nessa grande energia, todos são capazes.

Orar! Palavras com força. Nada se perde! Tudo atraído para o grande íman, tudo com cor, tudo conforme a tua mente é... O teu mundo: abre a tua mente a tudo e nada te surpreende, abre-te à vida! Abre os braços, abraça e és abraçado! Tudo teu: a energia do abraço ajuda-te à grande caminhada... Tudo teu, tudo para ti.

O grande sol... a fonte de água viva, esta paisagem cheia de luz; cor e cântico é o teu novo lar: veste a nova roupagem, leve e luminosa e segue! Olha para a frente... O caminho é em frente!

Abraça o teu anjo da guarda

O que é um século na eternidade da vida? Tão pouco! Uma vida poucas lembranças deixa; cumpre o teu destino, executa a tua missão. Essa é a finalidade da vida na Terra. Cumprir o combinado.

Estrelas no céu iluminam a noite escura. Grande alegria chegar até aqui, receber este colar há tanto tempo perdido! O afecto é caloroso; um novo bem-estar... Obrigada por todos os afectos recebidos.

Tanto tempo à deriva, tanto tempo sem rumo, hoje encontrei o Norte: o caminho a trilhar, realmente, o verdadeiro caminho! Tanto tempo perdido!...

Obrigada: grande alegria estar aqui convosco mais uma vez, na mesma energia, na mesma obra, na mesma oração... Estar aqui, mão na mão, voz na voz, amor no amor!

Nestes tempos, a paciência é virtude...

Um dia vão perceber o que é trigo, o que é joio... E este campo de terra fecunda mais uma vez vai dar bom cereal... Pão da vida, pão para todos...

Mantenham a humildade. Estes caminhos querem homens simples – palavras que todos compreendem! Grande abraço: até breve.

UM IRMÃO

(Mensagem recebida na COMUNHÃO, de Rio Tinto, em 15/9/2015 pela médium Maria Rosa X. Teles).

*

A “CULPA” DE DEUS

Tem acontecido muitas vezes, quando falamos com um e com outro (e, talvez, nós próprios já tenhamos sido assim, já tenhamos impugnado a Deus a “culpa” de tudo o que nos acontecia de mal), ouvir atribuir a Deus a culpa de todos os desaires de que se lamentam!

E, afinal, o que é Deus? Se atentarmos nas palavras com que o “condenamos” da nossa infelicidade, dos nossos sofrimentos e desilusões, concluiremos que continuamos a ver Deus como o Senhor castigador do tempo de Moisés, quando o profeta – para fazer cumprir a lei divina que recebera no monte Sinai – criou a lei civil do “olho por olho, dente por dente”...

E embora Jesus, mais tarde, quando na Terra, tenha afirmado que vinha para cumprir a Lei, pelo Amor, e nos tenha

revelado o Pai de Amor, nós continuamos ainda, à menor pedra com que tropeçamos no caminho, a acusar Deus – Inteligência Suprema, Causa Primária de todas as coisas – de uma culpa que é só nossa!

Sendo assim, se Ele não é o culpado das nossas dores, das nossas lágrimas, dos nossos erros – Ele tem de ter alguma culpa, apesar de tudo! Então, é culpado... de quê?

Só reconhecemos uma culpa em Deus, e essa ainda baseada no Amor – porque Ele é Amor! A culpa de nos ter criado – simples e ignorantes – para sermos um dia perfeitos, no sentido daquela pureza que Jesus nos demonstrou todos podermos adquirir! A culpa de termos de ser nós a conquistarmos a nossa perfeição, quando Ele nos poderia ter criado logo, logo, da maneira que nos quer!!!, já que, conforme afirmam, Ele é Onnipotente

De cada vez que acusamos Deus – até quando lhe chamamos “padrasto”, porque sofremos, enquanto para outros poderá ser – é – um Pai de Amor, esquecemo-nos de todos os atributos que lhe pertencem e mais ninguém possui de igual maneira...

Se Ele é Misericórdia e Bondade infinitas, Juiz imparcial e justo – para só referirmos estes dois “defeitos” que os outros, os que não reclamam nem o acusam dos males que acontecem a terceiros, lhe apontam – como é que Ele tem a culpa dos nossos males?

Jesus afirmou que “O Pai faz brilhar o sol sobre os bons e os maus e faz chover sobre os justos e injustos” e esta afirmativa

do Divino Amigo significa que não há pai nem padrasto: há tratamento, Amor igual para todos!

*

Na nossa pequenez é comum não assumirmos as nossas responsabilidades e atribuímos sempre, a terceiros, a culpa dos nossos actos, como se o facto de a atirmos para alguém nos ilibasse a nós, os seus autores, dos nossos erros!

O problema é que Jesus falou-nos de uma Lei de Causa e Efeito, quando afirmou que “tudo terá de ser pago até ao último ceutil”. E se a lei de Deus está gravada na nossa consciência, conforme os Espíritos afirmaram a Kardec e consta da Q. 621 de ‘O Livro dos Espíritos’, não nos vale de nada afirmarmos a nossa ignorância, porque mais ou menos profundamente, na época actual, todos temos conhecimento do mal, do certo e do errado, do que devemos e não devemos fazer!

E essa lei – de Causa e Efeito – diz-nos que “a sementeira é livre mas a colheita obrigatória”, ou, como diz o povo: “Quem semeia ventos, colhe tempestades”...

Recusamo-nos a sermos filhos de Deus (quando não nos convém, face ao nosso comportamento e aos vícios que acalentamos); protestamos ‘convictamente’ que Ele não existe, porque nunca O vimos, nunca com Ele cruzámos... nunca se nos revelou... mas estamos permanentemente a “descobri-lo” nos olhos de uma criança ou até e ainda no perfume da flor que buscámos para enfeitar o nosso lar!

Recusamo-nos... mas, intimamente, buscamos, talvez, as palavras de Eurípedes de Barsanulfo, para afirmarmos com fé: “Reconheço-vos, eu, Senhor...”

Será que a nossa inferioridade – ignorância – de Espíritos ainda tão imperfeitos, alimentada pelo orgulho que muitas vezes permitimos que nos escravize, é tão desmedida ainda, que nos leva a não nos deixar manifestar o nosso amor por Ele – esse Pai a quem tudo devemos, que não se cansa de nós, das nossas quedas, dos nossos impropérios, e nos vai concedendo sempre uma oportunidade mais de aprendizado, em cada reencarnação que nos continua a conceder?!

“Nós somos tantos, de um e outro lado da vida, que é impossível Ele saber tudo a nosso respeito!”, afirmamos com a sabedoria que nos dá a nossa ignorância – e logo Jesus, ainda Ele, nos corrige: “O Pai sabe tanto de cada um de nós, que sabe dos cabelos que nos caem da cabeça!”

De repente, caímos em nós, baixamos os olhos, e reconhecemos: “Com Ele, não temos fuga possível! Para onde quer que nos viremos, façamos o que fizermos, Ele continua a ser o Pai, a ser Deus... e nós continuamos a ser filhos ignorantes!”

E num último instante, quando já não encontramos mais argumentos que rebatem o que nos apontam sobre Ele, rematamos – pensando num xeque-mate: “mas tudo isso, é só até que a morte aconteça porque quando ela vier estamos livres de Deus!”

- Enganas-te – dizem-nos de imediato: a morte não existe a não ser para o corpo matéria... A Doutrina dos Espíritos, dando-nos a certeza da vida que continua e da comunicação entre o

mundo espiritual e o terreno, a Doutrina dos Espíritos MATOU A MORTE!

Totalmente desarmados perante a “jogada” que nos venceu, quando pensávamos ser nós os vitoriosos, reconhecemos, então, o caminho que nos resta: procurarmos tornar-nos sempre melhores; sermos filhos obedientes à Lei que Ele fez igual para todos... amarmo-nos uns aos outros... e se quisermos deixar de sofrer, passarmos a estar mais atentos aos nossos actos e pensamentos para sermos, finalmente, hoje melhores do que Ontem, da mesma maneira que seremos Amanhã, melhores do que Hoje!

Reconheço-vos, eu, Senhor...

MANUELA VASCONCELOS

*

Fé inabalável é somente aquela capaz de encarar a razão, face a face, em todas as épocas da Humanidade. – A. KARDEC

*

TENDE CALMA

*“E disse Jesus: Mandai assentar os
homens. – JOÃO, 6:10*

Esta passagem do Evangelho de João é das mais significativas. Verifica-se quando a multidão de quase cinco mil pessoas tem necessidade de pão, no isolamento da natureza.

Os discípulos estão preocupados. Filipe afirma que duzentos dinheiros não bastarão para atender à dificuldade imprevista. André conduz ao Mestre um jovem que trazia consigo cinco pães de cevada e dois peixes. Todos discutem.

Jesus, entretanto, recebe a migalha sem descrer de sua preciosa significação e manda que todos se assentem, pede que haja ordem, que se faça harmonia. E distribui o recurso com todos, maravilhosamente. A grandeza da lição é profunda.

Os homens esfomeados de paz reclamam a assistência do Cristo. Falam n'Ele, suplicam-lhe socorro, aguardam-lhe as manifestações. Não conseguem, todavia, estabelecer a ordem em si mesmos, para a recepção dos recursos celestes. Misturam Jesus com as suas imprecações, suas ansiedades loucas e seus desejos criminosos. Naturalmente, se desesperam cada vez mais desorientados, porquanto não querem ouvir o convite à calma, não se assentam para que se faça a ordem, persistindo em manter o próprio desequilíbrio.

EMMANUEL

(In: Caminho, Verdade e Vida, psicografia de Francisco C. Xavier, ed. FEB, cap. 25).